

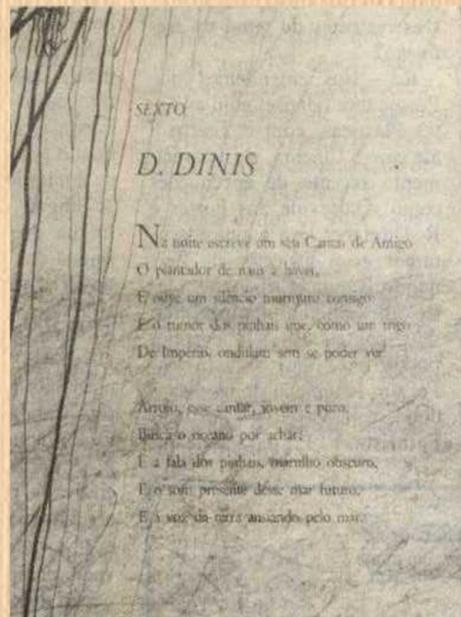
Preocupado com a decadência portuguesa, conhecedor da filosofia de Bergson, influenciado por Carlyle e Sorel, Fernando Pessoa é «muito mais inteligente do que esse louco visionário criador de impérios espirituais ou linguísticos» — sustenta o autor, respondendo à questão

## Que mito o da Mensagem?

Onésimo Teotónio de Almeida

Se não erro a conta, são já quatro as recentes edições de **Mensagem**. Para uma obra sobre a qual durante muitos anos pouco se escreveu e sobre a qual até se evitava falar, não deixa de ser curioso este inusitado interesse.

Ao analisar, porém, os prefácios ou notas introdutórias dessas edições, bem como os poucos comentários críticos que ao longo dos anos sobre essa obra foram sendo feitos, fica-se com a sensação nítida de que as duas correntes de opinião que desde o princípio sobre ela se estabeleceram ainda prevalecem: uma advoga uma leitura quase literal e faz de Pessoa um louco visionário que acredita no Quinto Império e se imagina D. Sebastião surgido para regenerar a pátria. A outra, sugere uma leitura mítica, sem todavia explicitar de que tipo de mito se trata.



## A "Mensagem" segundo Jorge Martins

«Recriar» a **Mensagem**, de Fernando Pessoa, em desenho(s)? Esse parece ter sido o desafio que a si próprio se lançou Jorge Martins. Um desafio tão difícil quanto aliciante, que o pintor — há bastantes anos radicado em França, mas sempre bem ligado a Portugal — conseguiu vencer com imaginação e brilhantismo.

Sem, obviamente, pretender fazer uma «ilustração» ou transposição naturalista dos

poemas e/ou das figuras históricas evocadas, Jorge Martins consegue dar a beleza e a força misteriosas da **Mensagem**, com os seus símbolos, sinais e mitos, através de desenhos a preto e branco, cheios de tonalidades expressivas, em que o traço solto, os arabescos e as formas geométricas se combinam e equilibram magnificamente.

Mais: Jorge Martins logrou transmitir o **clima** da obra pessoana, afirmar a específica lin-

guagem do desenho e do mesmo passo fazer com que o(s) desenho(s) e o(s) poema(s) constitua(m) um **todo**. O que é mais nítido, e em geral ainda melhor conseguido, nos casos em que o desenho se alarga ou estende, **respirando** sem limites, pelas duas páginas face a face, com o poema integrado no seu **espaço**. São tantos os desenhos como os poemas (44), sendo sete os casos em que tal se verifica, permitindo-nos des-

JORNAL DE LETRAS  
21/06/1988

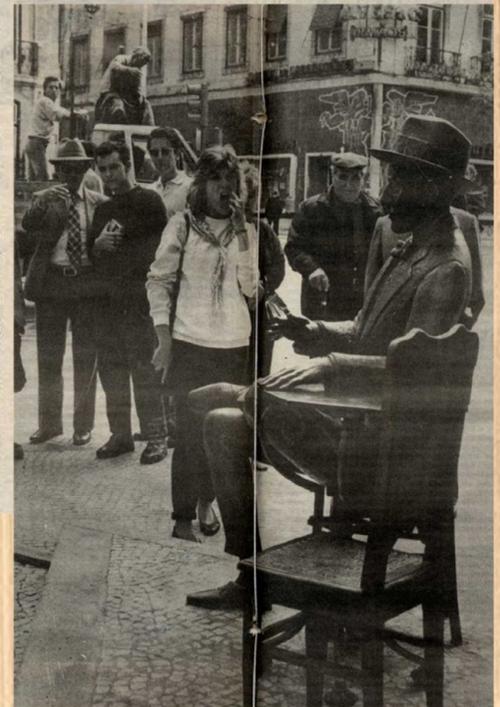
## A "Galáxia Pessoa" invadiu a Unesco

Virgílio de Lemos, em Paris

Com o seu álbi de infinitos e sua galáxia de «fingimentos», Fernando Pessoa festeja o seu centenário de nascimento na Unesco, a maior organização internacional da cultura neste fim de século XX. Na presença de Federico Mayor, director-geral, e de José Augusto Seabra, «pessoano» e embaixador de Portugal na Missão de Portugal nesta organização, durante uma semana na galáxia Pessoa que inclui — «pessoanos» do mundo inteiro — discutiu à volta da «diversidade e universalidade» do poeta e filó-

sofo, um dos singulares e mais inovadores do séc. XX.

Federico Mayor defende que cabe também à Unesco internacionalizar os génios tais como Picasso, Miró, Vieira da Silva, e ele que é também poeta poderia acrescentar nomes como J. L. Borges, Octávio Paz, Carafy, Machado e René Char. Fernando Pessoa está hoje no seu apogeu em França e no mundo, lido e estudado do Japão e Estados Unidos ao Brasil e México, sendo apontado não apenas como um poeta dos fins do século XX mas do século XXI. Todas as páginas literárias de jornais semanários e revistas concedem-lhe os seus dossiers, desde a «**Quinzaine Littéraire**», de Maurice Ma-



Fernando Pessoa, recitando em francês por Luísa Reis, em 1914, na praça da Branca de Castelo, em Lisboa.

Presente no colóquio que a Unesco consagrou, em Paris, a Fernando Pessoa, disse ao JL o embaixador de Portugal naquela organização mundial,

## José Augusto Seabra: "Uma translação poética sem cá dentro nem lá fora"

JORNAL DE LETRAS  
21/06/1988



P. — Fernando Pessoa é simultaneamente no seu movimento permanente, o «anterior» e o que «chá-de vir», novas estéticas, novas formulações?

R. — Ele é, sem dúvida, um poeta muito moderno, de vanguarda, sem deixar de ser um clássico e um romântico como disse o Eduardo Lourenço, o último grande romântico, referindo-se ao Álvaro de Campos. Mas é um poeta em que há a busca de um grande realismo como é o caso de Alberto Caeiro que procurava reduzir tudo à realidade do mundo: é um poeta que é capaz de assumir o barroco, é um poeta que tem muitos aspectos conceptualistas e formalistas mas também é um poeta capaz de voltar ao neoclássico: em suma, F. P. assumiu toda a multiplicidade de estéticas, de poéticas, de linguagens, enfim de concepções do mundo.